

Elegia para uma criança morta

Edgard Steffen

*Tange o sino, tange, numa voz de choro
Numa voz de choro... tão desconsolado...
No caixão dourado, como em berço de ouro,
Pequenino, levam-te dormindo... Acorda!
Olha que te levam para o mesmo lado
De onde o sino tange numa voz de choro...
Pequenino, acorda!
(Pequenino morto — Vicente de Carvalho)*

Sabe, Aylan?, quando vimos as fotos que percorreram o Mundo — sim, este insensato mundo das insensatas interpretações de mandamentos divinos —, nós nos sentimos revoltados e diminuídos porque somos parte do gênero humano.

Sabe, Aylan Kurdi?, impossível não sentir um nó na garganta ao ver sua imagem em nossos jornais e televisões. Seu corpinho de bruços na praia de Bodrun, com o rosto enfiado na areia, como se não quisesse enxergar a maldade e a violência dos homens, resultou da tentativa de levar vocês a salvo para o Canadá. Você e seu irmãozinho estranhariam aquele lugar cheio de árvores e aquela gente falando língua diferente da sua. Lá neva bastante. Não sei se você já viu como é bonita a neve. Talvez fizesse você tremer de frio, mas é melhor tremer de frio do que de medo. Numa voz de choro tão desconsolado, seu pai contou aos repórteres que tentou segurá-los, mas vocês escorregaram de suas mãos.



Imagem da Internet — autor Mheo (caricaturista colombiano)

Sabe, menino dos sapatinhos novos bermuda azul e blusa vermelha?, a gente fica imaginando como você estava contente com a roupinha nova que seus pais compraram para a viagem. Se aquele homem mau — existem muitos, mas muito mesmo! homens maus — tivesse cumprido o contrato, acertado por muitos dólares, os ventos do Egeu não teriam conseguido virar a frágil embarcação e afogar você, seu irmão Galip e sua mãe Rehan.

Sabe, pequeno mártir?, pediatras não deveriam ficar chocados com a morte de uma criança. Por melhores que sejam nosso preparo, nosso equipamento e nosso desvelo, há sempre algum fator que nos põe à frente de gélidos anjinhos, levados por doenças graves, infecções, defeitos congênitos e acidentes como o seu. Quantas vezes temos de engolir o nó que se forma em nossa garganta, parecer firmes e consolar pais, como Abdullah, em desespero pela imensa perda! Até é bom que você não veja a angústia de seu pai, sozinho sem você, sem seu irmão nem sua mãe. É dor demais para um homem que desejava uma vida melhor e se culpa de não ter conseguido salvar a família.

Sabe, família Kurdi? vocês gostariam do Canadá. As cidades são limpas e as casas, todas inteiras, fariam vocês esquecerem os escombros da cidade onde viviam. Como já disse, talvez vocês estranhassem a língua, mas crianças aprendem logo a entender a conversa de amiguinhos novos em novas escolas. Lá vocês demorariam a encontrar minarete com o muezim chamando-os às preces do dia. No lugar dos minaretes, campanários. Em vez dos muezins, sinos chamam os fiéis para ofícios religiosos.

Sabe, menino do calção azul e da blusa vermelha, igual àquela menina vietnamita queimada por napalm?, você também virou símbolo da inocência contra a maldade dos homens. Se você morasse por aqui, sinos plangeriam em dobre de finados e, em lugar de envolto em pano branco, você iria dormindo em um esquife, como se ocupasse berço de ouro.

Por isso, criança símbolo da inocência afogada pela cupidez de gente que trafica gente, seu sacrifício nos faz lembrar o que o pastor poeta John Donne¹ escreveu há muitos anos:

Nenhum homem é uma ilha (...) a morte de qualquer homem me diminui porque sou parte do gênero humano. E por isso não pergunte por quem os sinos dobram; eles dobram por nós.

Eles dobram pelo trágico simbolismo de uma criança vestida para uma viagem que não se completou. Eles dobram por nós, incapazes de mudar a cupidez, a estupidez e a violência neste insensato mundo dos homens.

Dobram por você e por nós.

¹ John Donne (1572-1631) poeta e pregador inglês.

Edgard Steffen
Pediatra

18 de outubro, Dia do Médico

ORAÇÃO DO MÉDICO – POETA

SENHOR, fazei-me ser
alívio nas angústias,
o médico do amor fraterno,
luzir da Vossa presença,
o poeta da Vossa paz!

Dai-me a graça de ser
sábio ante os sintomas,
sereno nas inquietudes,
indulgente nas agonias,
semeador de esperanças...

Ramifiquei em mim
capacidade na sagrada missão,
fidelidade ao juramento
a dádiva do discernimento,
a confiança dos pacientes.

Onde houver dores, dissabores,
sofrimento ou miséria,
quer na alma ou na matéria,
faizei, SENHOR,
que este meu verso se transforme
no viés de fervorosa oração,
na benevolência do Vosso amparo,
no fortalecimento da saúde
e nas alegrias de todas as curas,
AMÉM.

Walter Argento
Poeta

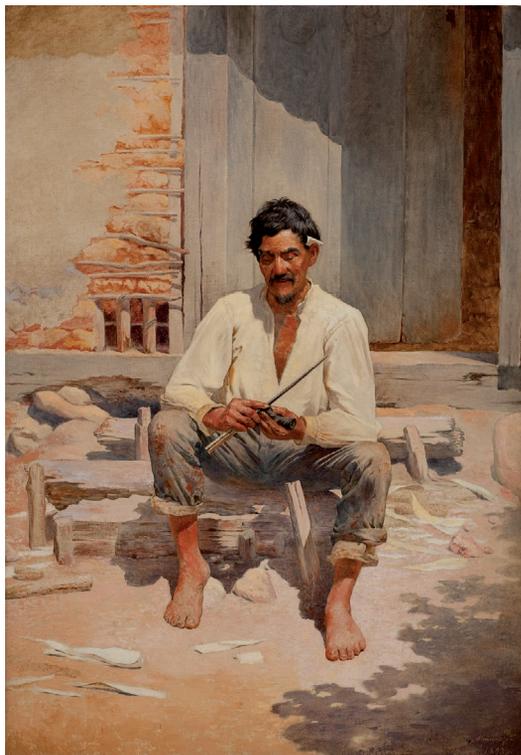
Saber caboclo

Carlos Alberto Pessoa Rosa

Contista só pode sê-lo por vocação. Não é fácil levar o leitor a seguir o jogo de palavras até o final da história. Ainda mais nos dias de hoje, quando as pessoas estão preguiçosas com as palavras. Mas esta não é a única dificuldade que terá um contista se ele for médico. E se a história tem como base situações vividas e escutadas em consultório? Juro sigilo... Faço um juízo muito pessoal sobre o assunto, só retiro da memória fatos ocorridos com personagens que já partiram, respeito o sigilo de suas identidades, acreditando, assim, não ferir a ética. Mas vamos, então, à história:

Nosso homem tem mais de setenta anos, chega trazido pelos filhos, touca de lã na cabeça, barba por fazer, cabisbaixo, olhar em algum refúgio distante, em cadeira de rodas. Se quisesse simplificar, diria que é um sujeito já despedido da vida. Com certeza, prepara o próprio corpo para sair de semente e se transformar em alguma flor ou fruto em uma outra vida, que essa sempre foi sua fé diante do mistério da morte.

A filha havia me telefonado dizendo que o pai estava com câncer, não havia mais nada a se fazer, que todos estavam preparados, mas ele não sabia de nada e desejavam meu silêncio quanto à verdade. Nem precisei de prontuário para saber de quem se tratava, cuidei desse homem durante trinta anos, sujeito de simplicidade e honestidade próprias dos caboclos desta terra, portador de uma doença valvular.



"Caipira picando fumo", de Almeida Júnior, de 1893

Nunca menosprezei a inteligência escondida no silêncio de quem mexeu na terra produzindo frutos e alimentos a ouvir os sussurros da natureza. São pessoas que não têm síndrome de pânico, mantêm os pés bem presos ao solo, e os sonhos deixam para a noite, conscientes de que os dias são para o trabalho e sobrevivência. Para índio e caboclo, o tempo se resume ao presente. Nada de ficar pregado no passado ou antecipar um futuro. Sabem que a morte pode estar em uma moita, debaixo de uma árvore, em um fenômeno da natureza ou no próprio corpo, e não temos controle sobre isso. E a mesma intuição os leva a enxergar a chegada de chuva, granizo ou tempestade muito antes de muitos.

Mas não querendo me alongar, que falar de alguém que conheço há tanto tempo poderia gerar uma novela, e não um conto, perguntei a ele como estava. Respondeu que havia feito o controle do coração no hospital na Capital fazia seis meses e que tudo estava bem. Foi quando lhe perguntei, mas o que apareceu de novo de lá para cá? O sujeito levantou a cabeça, retornou ao mundo dos homens, fixou o olhar em mim enviando um sorriso, como sempre fazia ao desejar uma conversa confiável, e respondeu sem mais: Apareceu um câncer...

Carlos Alberto Pessoa Rosa
Médico e Escritor

A Louça Portuguesa de Alcobaça

APONTAMENTOS PARA A SUA MELHOR VALORIZAÇÃO

Paulo Leonel Vergolino

A magnífica louça portuguesa de Alcobaça está indubitavelmente ligada à produção artesanal dos primeiros artífices religiosos portugueses daquela região, sediados no atual Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, em Portugal, edificação gótica sagrada em 1252. Segundo algumas informações de sites especializados sobre o assunto, já em 1786 se encontram dados sobre a existência dessa olaria. No século seguinte, por volta de 1855, novas informações são encontradas sobre a produção da cerâmica, uma vez que as autoridades de então proibiam a retirada de barro pelos oleiros da região, estabelecidos, à época, próximos à Igreja de Nossa Senhora da Paz.

Em 1875, de fato são encontrados os primeiros dados concretos da existência de uma fábrica produtora de cerâmica, ligada a um mestre oleiro vindo de Coimbra: José dos Reis Santos. Portanto, remonta-se essa produção em Portugal, mesmo que de forma cambaleante, ao século 18, seguindo pelo 19 e chegando, como veremos, ao apogeu no século 20, já por volta de 1900 com o início das exportações.

Pertinente citar que a atividade ceramista dividia terreno com outras muitas e comuns não só em Portugal, mas em outras regiões produtoras de cerâmica como Itália, Espanha, França e Inglaterra. Semelhante a suas vizinhas e guardadas as devidas proporções, a produção desse antiquíssimo material era realizada em pé de igualdade com a agricultura, o comércio e a nascente indústria Europeia. Assim como essas atividades, a produção da cerâmica ganha força ao longo dos séculos, diversifica-se e expande-se, crescendo em complexidade e beleza.

É importante esclarecer que, com a necessária evolução da produção de cerâmica no País, outras fábricas foram se estabelecendo e tomando Portugal de Norte a Sul. Para o pesquisador Aristides Pileggi, em seu livro *Cerâmica no Brasil e no Mundo*, “os mais importantes centros de produção da faiança e de louça localizavam-se principalmente no Porto, Lisboa e Coimbra. Outras localidades, como Aveiro, Vila Nova de Gaia, Caldas da Rainha, Viana do Castelo, Alcobaça e Estremoz, distinguiam-se também como adiantados setores de produção”. Aqui nos interessa citar duas— a vestal ou vistol —, a Alcobaça, criada em 1947 e a Raul da Bernarda, de 1875, fundada na mesma região. Cada uma, e a seu modo, produzia faianças de qualidade seguindo os mesmos processos de produção: biscoito; esmalte; e as respectivas pinturas e queimas; estas, dependendo da necessidade, intercalavam-se, podendo chegar ao número de seis. O que de fato diferia uma fábrica da outra era o elaborado processo de coloração dessas peças, sendo o da Raul da Bernarda deveras mais complexo do que a de Alcobaça.

Menção especial deve ser feita à especializada decoração a que as peças eram submetidas e, como sabemos, era toda manual. Esse cuidado conferiu certo brilhantismo às peças, jamais igualado em toda a história do País. A produção consistia, em grande parte, de número variadíssimo de peças com dois tipos de finalidade: as decorativas; e as utilitárias, reunindo em seu conjunto galheteiros, vasos, jarras, pratos de pendurar, bengaleiros, estátuas, fruteiras, castiçais, bandejas, entre muitos outros.

Para a decoração, convém salientar “a habilidade dos pintores, pois o trabalho do pincel é executado sobre uma superfície lisa esmaltada, acontecendo ainda que algumas das tintas mudam de tonalidade depois de levadas ao fogo de mufla, tornando-se, por isso, quase sempre difícil fazer a combinação de cores e sombras. Acresce a circunstância da impossibilidade de se misturar as tintas, como acontece com a pintura a óleo, a fim de obter determinadas ou diferentes nuances de cores; as camadas de tintas

devem também obedecer à proporção uniforme, com pinceladas não muito carregadas, para que se evitem trincas ou que a própria pintura se destaque da peça, após a queima" (PILEGGI, p. 188).

Além dessas esclarecedoras informações, é importante frisar que a cor clássica usada no fundo das peças em sua massificadora maioria é o azul claro e a decoração final, também em sua maioria, concentra-se no uso de conjuntos de flores coloridas. Isso não significa que não encontraremos honrosas exceções, principalmente em pratos de parede, nos quais a inventividade portuguesa parece ganhar total e irrestrita liberdade.

Notam-se intrincados motivos com tramas intercaladas de flores, paisagens, quadras, retratos de personalidades, guirlandas de flores e folhas e uma infinidade de composições a brincar de forma alegre e descontraída com o que vemos. Pelo fato de terem sido produzidas por mãos habilidosas e, se nos detivermos um pouco mais sobre estas, notaremos claramente as pinceladas — uma a uma a figurar no conjunto pintado — e, inclusive, poderemos apontar belíssimas falhas em suas composições. O que lhes confere certa unicidade só comparada à das obras de arte.

Foi identificado também um conjunto expressivo de formatos iguais, com alguns inteiriços e outros (que, em nossa opinião, são os mais expressivos) vazados. Percebemos que, quanto mais estas peças são irregulares no formato ou mais rendilhadas, mais ricos ficam os conjuntos de pintura, apesar de os feitos serem semelhantes. Em suma, é a pintura a responsável por enriquecer sobremaneira essa forma de expressão, e não simplesmente o formato da peça em si.

No verso das peças, são achadas informações acerca de sua origem — nas mais antigas, há apenas o local onde foram feitas, ou seja, Alcobaça, seguido do país de origem. Com o passar das décadas, acrescentou-se, sempre escritos à mão, a região, Alcobaça ou Coimbra, nome da fábrica, Raul da Bernarda ou Vestal Alcobaça, bem como o número/modelo da peça em si, sempre finalizando com *Made In Portugal*. Em alguns casos, tem-se também o raro ingres-



so da primeira e última letra do nome do pintor, como é o caso do magnífico artista Luiz Salvador.

Em relação à chegada dessas peças ao Brasil, obtivemos duas informações diversas, porém complementares. A primeira diz respeito à leva de peças vindas na virada do século 19 para o 20; e uma segunda leva nos anos 1930 e 1940, no auge da exportação para o mundo todo. Algumas das fábricas tinham até 80% da sua produção exportada e uma equipe, realmente de respeito, com cerca de 150 funcioná-

rios. Essas peças se concentravam em regiões com longa tradição portuguesa, entre as quais, destacam-se Rio de Janeiro; Santos, em São Paulo; e Belém, no Pará.

A cerâmica da região de Alcobaça está entre as mais significativas do mundo e figura, a nosso ver, como a mais bem-sucedida de todas que percorreu uma longa trajetória até se sedimentar no coração dos portugueses e de todos que aprenderam a admirar essa forma de expressão, verdadeiro presente para os olhos e para a alma e que deve ser mais bem estudada, reverenciada e valorizada como arte. Assim, esperamos que outros venham juntar-se em prol do conhecimento desse antiquíssimo material e daquilo que dele é feito e cuidem para o seu efetivo e constante resgate, hoje e indefinitivamente.

Bibliografia consultada

PILEGGI, Aristides. *A cerâmica no Brasil e no mundo*. Ed. Livraria Martins, São Paulo, 1958.

Paulo Leonel Vergolino

Curador Independente e Membro da Associação Paulista de Críticos de Arte

Meu velho monte

Numa aurora distante de invernia
azul te vi num lago de neblinas
como nave de miragem, fantasia,
ancorada na alfombra das campinas...

Em meio a verdes vales e colinas,
solitário soldado de vigia,
sob um piso de plantas pequeninas,
dominas a extensão da pradaria.

Das janelas fronteiras, no Ibaté,
a noroeste, fechando-me o horizonte,
olhei-te tanto em meu silêncio, só...

Sobre teu alto dorso, orei com fé...
Em Tabor, transformei-te, ó velho monte,
meu sempre inesquecível Saboó!

Antonio J. Amadi
maio/2012

Equus

Meus dedos deslizam procurando suas linhas craniais.
Percorro as suturas interfrontal e sagital
estudando todo o processo occipital.
Brinco circulando a região orbitária,
divagando a imaginar o que viram
aqueles imensos e serenos olhos negros.
Refletiriam, talvez, meu triste rosto?

Fujo deles parando na crista facial
alisando o osso nasal, longo e frio.
Me compenso, apertando o incisivo,
outrora recoberto de suave tom castanho,
dando tapinhas em sua enorme maxila,
a caminho da margem interalveolar.

Abraço sem medo a mandíbula,
explorando canais e forames,
onde tudo é amarelado, desbotado marfim,
até deter-me num complexo dente molar,
a procurar vestígios do capim que nunca lhe dei.

Tento inutilmente soprar vida em suas narinas...

Aconchego, por fim, desajeitadamente,
sua cabeça inerte junto ao meu peito,
simulando embalos de ninar,
e choro longamente...

Choro de saudades do cavalo que não acariciei...

(Para "aquela" Veterinária...)

Nelson Di Francesco



Disponível em: <www.publicdomainpictures.net>

Analogias em Medicina (n. 36)

Bola de Bichat e Bichectomia

O corpo humano possui algumas estruturas que se assemelham a uma bola, isto é, um corpo sólido e esférico. A forma redonda, ou aproximadamente esférica, é observada em alguns órgãos, como os globos oculares, os testículos, os linfonodos, a cabeça do fêmur, as tonsilas palatinas, entre outros. Em patologia, muitas lesões tumorais benignas que resultam de crescimento celular expansivo configuram estruturas arredondadas e sólidas, como lipomas, miomas uterinos e fibroadenomas mamários, tecnicamente denominados nódulos. Em casos de aspergilose pulmonar, pode ocorrer a chamada bola fúngica; o tricobezoar, às vezes forma uma bola de cabelos no estômago.

Marie-François-Xavier Bichat (1771-1802) nasceu em Thoirette-en-Bas, departamento de Jura, França. A Revolução Francesa estava em franca expansão na sua época de estudante, mas Bichat fez um bom tirocínio no Hôtel Dieu de Paris. Morreu cedo, aos 31 anos, vítima de tuberculose miliar (segundo a versão mais aceita) e 10 dias depois de Napoleão ter ordenado a escultura de um busto em sua memória. No seu curto período de vida, dedicou-se em tempo integral à medicina. As obras mais importantes de Bichat são: *Tratado das Membranas* e *Tratado de Anatomia Descritiva*. Seu nome é também vinculado ao estudo da estrutura dos vasos sanguíneos. Registrou ainda o corpo adiposo da boca (*corpus adiposum buccae*), denominado, na terminologia antiga, **bola gordurosa de Bichat** (fr. *boule graisseuse de Bichat*; esp. *bola de grasa de Bichat*; ing. *fatty ball of Bichat* ou *Bichat's fat-ball*). Trata-se de massa adiposa entre os músculos masseter e bucinador. É bem mais proeminente no recém-nascido, presumivelmente para reforçar as bochechas e impedir que elas entrem em colapso durante a amamentação.

A bola de Bichat — estrutura anatômica presente na região das bochechas de todas as pessoas — está envolvida em áreas médicas algo conflitantes/opostas.

Alguns indivíduos apresentam uma quantidade maior dessa bola adiposa, seja por natureza genética ou por excesso de peso global, provocando um formato arredondado à face. Por isso, os que se sentem insatisfeitos recorrem à cirurgia de remoção da bola de Bichat, denominada **bichectomia**, objetivando melhorar a estética do rosto. Segundo os cirurgiões plásticos e cirurgiões-dentistas, a operação é relativamente simples, feita com anestesia local e por incisões na cavidade oral. A gordura é removida e o fechamento é feito com fios absorvíveis. Não há complicações na grande maioria dos casos.



Xavier Bichat

A **desnutrição** constitui um problema grave de saúde pública, especialmente em países subdesenvolvidos. Sua forma primária resulta da pobreza, das más condições ambientais e da marginalização social em que vivem certas populações de áreas urbanas, periféricas e/ou rurais, afetando sobretudo crianças com idade inferior a 5 anos. Há duas formas de desnutrição grave bem estabelecidas: o marasmo (gr. definhamento, consumação) — deficiência proteico-energética; e o *kwa-shiorkor*: deficiência proteica com ingestão energética inadequada.

O aspecto físico da criança marasmática é de total consumo de suas reservas de gordura e de massa muscular. Ela apresenta membros muito delgados devido a atrofia dos músculos e perda do panículo adiposo. O seu aspecto é de pessoa caquética e envelhecida, as costelas são proeminentes e a pele mostra-se frouxa e enrugada, principalmente na região da nádega, que está plana e vazia. O rosto mostra-se encovado e com desaparecimento da **bola de Bichat**, último depósito de gordura a ser consumido.

Portanto, essa estrutura, identificada pela primeira vez pelo genial anatomista e fisiologista francês François Bichat, em pleno período da Revolução Francesa, oscila entre a presumível frivolidade estética e os efeitos do capitalismo selvagem.

Texto baseado parcialmente em Carvalho, LG. *História da Anatomia Humana*. Belo Horizonte: Coopmed, 2000; e *Projeto Diretrizes* da Associação Médica Brasileira e do Conselho Federal de Medicina, julho 2001.

José de Souza Andrade Filho

Professor de Anatomia Patológica da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais



coluna do livro

The Winter's Tale

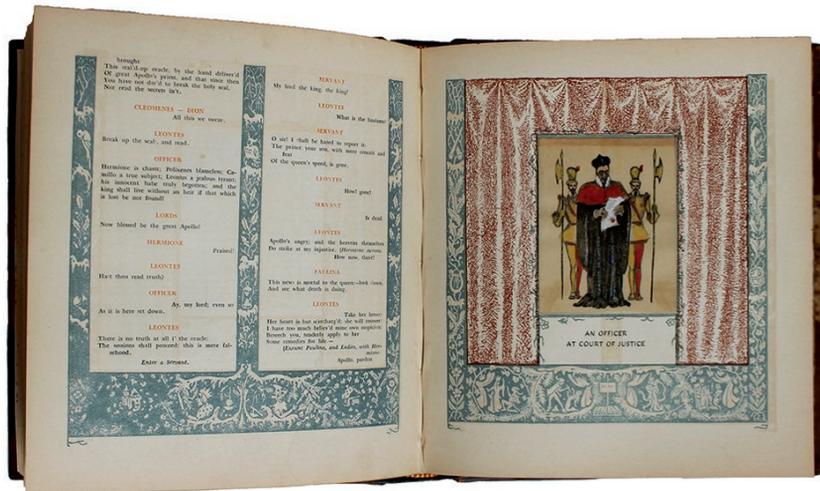
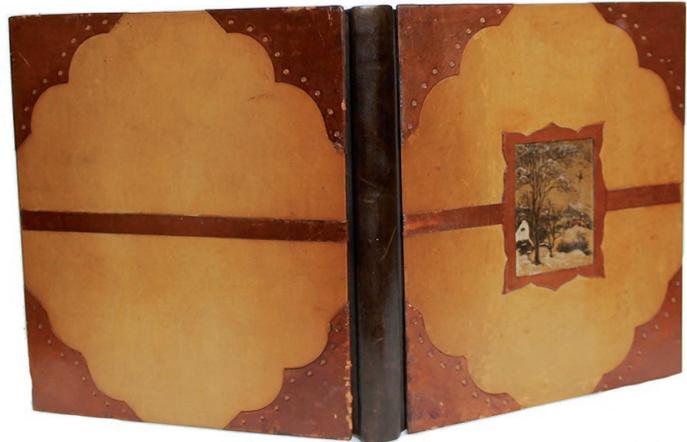
Trata-se de uma comédia de William Shakespeare, escrita entre 1610 e 1611.

O livro, mais do que lido, é para ser visto, diante da beleza da encadernação. Preciosidade que já nasceu rara, pois foi editado pela *Confraria dos Bibliófilos Brasileiros Cattleya Alba*, para "os apreciadores dos belos livros, em tiragem única de 300 exemplares" (o da APM é o 189). Obras desse gabarito dificilmente chegam a fazer parte de acervos públicos, a não ser por decisão do próprio grupo ou por doação de um colecionador, como no caso da APM.

Ricamente ilustrado, os personagens e seus figurinos foram coloridos à mão, um a um (decorações feitas por Martha Schidrowitz), sobre papel vegetal, recortados e colados no centro da página.

A edição, em língua inglesa, é a primeira feita no Brasil no idioma original de Shakespeare. Foi impresso em 1946, as páginas não são numeradas, a capa é de madeira com couro nos quatro cantos e na lombada. Ao centro, observa-se belíssima ilustração em técnica mista, feita à mão e emoldurada em couro.

Pertenceu à biblioteca do Prof. Jorge Michalany, que a doou à APM em 2006.



Guido Arturo Palomba

Diretor Cultural da APM

Observação: todos os livros comentados aqui pertencem à Biblioteca da APM. Aos que desejarem doar livros para esta coluna, fazer contato com Isabel, Biblioteca.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba

Diretor Adjunto: José Luiz Gomes do Amaral

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina (*in memoriam*),

Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira,

José Roberto de Souza Baratella, Arary da Cruz Tiriba,

Luiz Fernando Pinheiro Franco e Ivan de Melo de Araújo

Cinemateca: Wimer Bottura Júnior

Pinacoteca: Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina:

Jorge Michalany (curador, *in memoriam*)

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.